

# O BERÇO da CRIANÇA

ASSINATURA: Anual, 20\$00; Trimestre, 5\$00; Avulso, \$50

Semanaário nacionalista

Propriedade da Empresa  
Editor — ANTÓNIO LINO

DIRECTOR: H. ALMEIDA

Redacção e Administração — Rua da República, 48-1.  
Impressão: Tip. Minerva — Villa Nova de Famalhão

## Código Administrativo

**F**OI entregue para estudo à Câmara Corporativa, a proposta do novo código administrativo.

Sem preocupações de escola ou sistema, as bases do novo código caracterizam-se pelo senso realista, prático, em estreita subordinação aos interesses municipais.

Entre as suas múltiplas facetas, queremos salientar o carácter representativo de que os municípios se vão revestir.

E' freqüente ouvir-se dizer que o Estado Corporativo não equaciona a vontade nacional. Isto é falso.

O novo código revela de uma forma axiomática, a feição orgânica e representativa que a Nova Ordem pretende imprimir aos governos municipais.

Há, porém, entre a representação no estado demo-liberal e no estado corporativo, uma diferença acentuadíssima: enquanto no primeiro só se regista a intervenção do indivíduo na vida política de longe a longe, por uma forma anárquica, atrabiliária e inconsciente, através do fictício sistema do sufrágio universal, no estado corporativo regista-se a intervenção orgânica, activa e quotidiana, do sindicato e do grémio, como elementos representativos do trabalho, mão de obra e capital, da freguesia, associação de famílias, e dos organismos morais e científicos.

Desapareceu o indivíduo, a abstracção rousseauniana.

O Novo Código administrativo exemplifica com critério e realidade, a representação orgânica destas células vitais, na vida concelhia.

Assim, em todos os municípios haverá «um conselho municipal» como órgão orientador e fiscalizador da vida administrativa.

Dêsse «conselho» fazem parte os presidentes das juntas de freguesia, provedores de misericórdias, representantes dos Sindicatos, grêmios, Casas de povo, além de alguns contribuintes.

Afirma o relatório que precede a proposta das bases apresentadas à Câmara Corporativa que a esta assemblea dos «homens bons» será confiada a função moderadora na administração municipal.

Pertence ao «conselho» a escolha dos vereadores.

Dirigindo e coordenando a actividade dos vereadores haverá um presidente, com remuneração fixa e nomeado pelo Governo.

O papel do presidente, afirma o sr. Dr. Marcelo Caetano, é delicadíssimo: «fora das contendas e partidarismos locais, incumbem-lhe ser o fiel da balança entre os interesses partidários, a voz do bem comum, o zelador do interesse geral no concelho».

As bases do novo código oferecem assunto vasto, para inúmeros artigos.

Nestas ligeiras considerações quisemos apenas sublinhar a forma representativa, orgânica e efectiva, que o novo código assegura, e não retórica e anárquica, como outrora.

Esta é que é a verdade.

## A' MARGEM

Comemorou ontem a família republicana o movimento revolucionário de 31 de Janeiro.

Evoquemos também esta data, reproduzindo o pensamento político de Basílio Teles, expoente máximo da Revolução: «continuo a ser irredutível partidário das ditaduras. A questão é que o ditador esteja à altura do papel e que exista a força disciplinada em que se apoie a ditadura».

Só a eclosão do 28 de Maio de 1926, deu forma e alma ao pensamento de Basílio Teles.



O discurso-programa do sr. dr. Carneiro Pacheco, novo titular da pasta da instrução, sobressaiu entre as declarações ministeriais.

Toda a imprensa do país gloriou-se nos seus múltiplos aspectos de acção renovadora.

Sua Ex.<sup>a</sup> promete a política de espírito, ofensiva e dinâmica.

Luta contra os preconceitos, os pruridos de sectarismo e os resíduos bolorentos que o passado nos legou.

Encete a execução dessa obra, que o país bemdirá tam urgente e inadiável tarefa.



E' unísono, rítmico, e festivo o clamor de hossanas que a campanha de auxílio aos pobres suscitou na alma portuguesa.

Para esta grandiosa acção de beneficência concedeu o Estado Novo ao concelho de Guimarães, 200\$00 diários.

Nunca Portugal teve à frente dos seus destinos governo que tam desveladamente cuidasse dos desafortunados.



Em nome do senso estético, e do bom gosto, condenamos a deslocação dos tendeiros da praça do Mercado para o largo de João Franco.

Aqueles toldos, de aspecto repulente e pobretão, à volta do busto de João Franco, amesquinham e inferiorizam o paladino feroso das aspirações de Guimarães.

Não percam senhores, a noção do bom gosto!



São passados apenas nove meses, e os jornais anunciam o concurso da edificação de 78 casas.

Está pois de parabéns a família operária vimaranense.

## SOCIEDADE

Está enferma a mãe do Ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Alfredo Dias Pinheiro.

Está ligeiramente incomodado o sr. dr. Joaquim Ferreira Leão, engenheiro Municipal.

Fez uma operação no sábado passado, no Pôrto, o filho do sr. dr. Leopoldo Martins de Freitas, a qual decorreu bem.

Fez a semana finda uma operação numa casa de saúde do Pôrto a esposa do industrial sr. Torcato Mendes Simões.

Partiu para o Rio de Janeiro o sr. Alfredo Ferreira Leite, irmão do rev. padre José Ferreira Leite.

Regressaram de Lisboa, onde foram passar uma temporada, os srs. dr. Armando Faria, António e Jaime Leite da Silva.

Passou na semana finda o aniversário natalício do nosso amigo e assinante sr. Arnaldo Trancoso Pôças Falcão.

A ocupar o lugar de agente técnico da Direcção Geral dos Correios e Telégrafos, para que foi nomeado, partiu para Lisboa no dia 26 de Janeiro, o nosso amigo sr. Mário Carneiro da Silva.

A Mesa da V. O. T. de S. Domingos mandou celebrar uma missa no dia 28 do corrente, sufragando a alma da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Josefa Emilia do Nascimento Leite, mãe do rev. padre José Ferreira Leite, director espiritual da mesma Ordem.

Com um forte ataque de reumatismo está retida no leito a nossa prezada assinante, ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Sofia Monteiro de Meira.

Desejamos-lhe rápidas melhoras.

Também vimos nesta cidade o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Gonçalo Monteiro de Meira, digno Conservador do Registo Predial, em Oliveira de Azeméis.

## VIDA CATÓLICA

## Purificação de Nossa Senhora

## EVANGELHO:

*Naquele tempo, quando vieram os dias da purificação de Maria, levaram Jesus a Jerusalém, segundo a lei de Moisés, para o apresentar ao Senhor, como na lei do Senhor está escrito: «todo o varão primogénito será consagrado ao Senhor», e para darem a oferta, segundo o que também está escrito na mesma lei, um par de rãs ou dois pombinhos.*

*Ora havia em Jerusalém um homem chamado Semião, que era justo, temente a Deus e esperava a consolação de Israel e no qual habitava o Espírito Santo que lhe inspirara que não morreria sem que visse o ungido do Senhor. Veio então ao templo, trazido pelo Espírito; e como os pais conduzissem o Menino Jesus para que nele se cumprisse o que a lei ordenava, tomou Semião o Menino nos seus braços e louvou a Deus, dizendo: «agora Senhor, mandai em paz o vosso servo, segundo a vossa palavra, pois os meus olhos já viram a salvação que preparastes diante dos olhos de todos os povos: — a luz para iluminar as nações, e a glória de Israel, vosso povo.*

## CONSIDERAÇÕES:

(Luc. II, 22-32).

A festa da Purificação de Nossa Senhora é uma das mais antigas na Igreja Católica. Foi celebrada em todo o universo no ano de 542 em 2 de Fevereiro, dia em que se completam os quarenta dias depois do nascimento do Menino Jesus.

Porém, já trinta anos antes, o Papa Gelásio tinha instituído a festa da Purificação da SS.<sup>ma</sup> Virgem com a cerimónia das Candeias, na cidade de Roma, para abolir e substituir a das Lupercais que os pagãos celebravam no dia 13 ou 14 do mesmo mês, levando archotes acesos e fazendo cerimónias impias e imorais em redor dos seus templos, a que davam o nome de Lustrações. Segundo alguns escritores esta festa vinha já do século 3.<sup>o</sup> e o Papa Gelásio apenas lhe imprimiu maior solenidade.

E' também conhecida pela festa de Nossa Senhora das Candeias e da Luz. E' este um título bem adequado à festa da Purificação, não só pela sua origem, que acima se aponta, mas ainda porque as velas que neste dia se benzem e acendem durante o Santo Sacrifício da Missa que se segue, representam Jesus Cristo, que Semião, inspirado pelo Espírito Santo, apelida de Luz do mundo. E esta Luz que havia de iluminar os povos, indicando-lhes o caminho da verdade, e apresentada no templo de Jerusalém pela SS.<sup>ma</sup> Virgem, no mesmo dia da sua purificação.

Jesus Cristo, esclareceu os homens nas verdades mais importantes e necessárias à vida futura e eterna e continua a ensinar por intermédio do magistério vivo da Igreja que constituiu sobre os 12 apóstolos, presididos por Pedro, a quem deu toda a sua autoridade. *Docete omnes gentes.*

Desta festa, todos os cristãos devem aproveitar a lição de obediência que lhes dá a Virgem Maria, cumprindo uma prescrição de lei de Moisés, a que não estava sujeita, em virtude de ser Mãe sem deixar de ser Virgem.

Como Ela, devemos obedecer dócil e prontamente às leis da Santa Igreja, e seguindo as suas determinações estamos de posse da Luz e verdade, que Jesus Cristo veio trazer à terra.

## "O Berço da Grei,"

Referiu-se amavelmente ao aparecimento do nosso jornal, o colega local *Notícias de Guimarães*. Agradecemos e retribuimos os votos de prosperidade que nos dirigiu.

Aproveitamos a oportunidade para felicitar o colega pelo seu 4.<sup>o</sup> aniversário e pelo óptimo número especial com que o solenizou.

Estas linhas não foram publicadas no último número, por lapso havido na tipografia.

Agradecemos também as felicitações que *A Voz de Fafe*, brilhante paladino do Estado Novo, teve a amabilidade de nos dirigir.

## FESTIVIDADE RELIGIOSA

Na igreja paroquial de S. Sebastião, conforme fôra anunciado, realizou-se no dia 26 uma luzida festa em honra do seu padroeiro.

A parte coral, confiada à regência do sr. padre Alaio de Carvalho, de Braga, agradou em absoluto.

O orador, rev. dr. Abílio Cândido Almeida Gomes, traçou o panegírico do Santo com reptos de empolgante elevação oratória.

A igreja ornamentada com requintado gosto artístico, pela acreditada casa Eugénio e Novais, tinha uma profusa iluminação de velas.

A' Ex.<sup>ma</sup> Mesa da Irmandade apresentamos os nossos parabéns.

## Pro-monumento aos heróis da Grande Guerra

A convite da comissão executiva do monumento, reuniram-se na sede da sub-agência da Liga dos Combatentes, terça-feira passada, os representantes das colectividades e da imprensa.

Presidiu o sr. João Teixeira de Aguiar, secretariado pelos membros da direcção da Liga.

Por unanimidade, foi deliberado dar imediato início à subscrição pro-monumento, conforme a proposta apresentada pelo sr. capitão Duarte Fraga, em assembleia de 21.

A emissão de selos de 1\$00 cada, será em breve posta à venda.

Vai soar a hora da cidade de Guimarães manifestar o seu bairrismo.

## CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

## Ordem de serviço

**Alcateia n.º 4 (D. Afonso Henriques)** — No próximo domingo a formatura será às 7 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> horas, para se assistir à Santa Missa, havendo em seguida passeio ao campo.

São autorizados a usar a primeira estrêla de antiguidade os lobitos seguintes: Teibão, Casimiro e Carlos Alberto; a segunda o lobito José Almeida e a terceira, os lobitos: Marques, Calixto e Delfim.

**Grupo n.º 6 (S. Dâmaso)** — No próximo domingo a formatura será às 7 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> horas, para se assistir à Santa Missa.

São autorizados a usar a primeira estrêla de antiguidade os escutas, Emanuel Mesquita e Salgado e a quinta os escutas, Joaquim Gomes e Angelo Pereira.

Por conveniência de serviço são transferidos para o Grupo n.º 116 (Nossa Senhora da Oliveira) os escutas Ernesto e Albino Teibão e Justino Carvalho.

**Grupo n.º 2 (Egas Moniz)** — No próximo domingo a formatura será às 7 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> horas, devendo todos os séniiores comparecer devidamente uniformizados para assistirem à Santa Missa.

No fim haverá o costumado passeio ao campo.

## PAPELARIA E LIVRARIA FREITAS, FILHO

## DECLARAÇÃO

Faço saber aos meus Ex.<sup>mos</sup> Clientes que retirei a representação dos meus artigos de papelaria à sr.<sup>a</sup> Alzira Ribeiro Bravo.

Convido os meus estimados clientes a transmitirem as suas ordens, directamente à minha casa.

*Freitas, Filho.*

## FALECEU O DR. NUNO MONTEIRO

Aquela notícia fria e seca, aninhado em tipo miúdo e traiçoeiro, causou-me dolorosos arrepios.

No ano da sua formatura, no momento em que estava prestes a despedir-se da velha Coimbra doutoral, é repentinamente ceifado do convívio dos seus numerosos amigos, o dr. Nuno de Castro Xavier Monteiro, carácter diamantino, inteligência viva, um dos mais brilhantes espíritos do seu curso.

Mas eu não vou profanar com palavras vãs e objectivos gastos, a memória saudável do amigo querido, do companheiro dilecto das horas de mais doce enlêvo da minha vida liceal.

De ti, amigo Nuno, conservarei religiosamente, imperecíveis recordações da nossa indestrutível amizade.

Ainda há poucos dias, da sua aldeia de S. João de Airão, êle dirigia-me, registando o aparecimento dêste jornal, estas palavras vibrantes: «É não desanimas nessa empresa! A hora hoje é dos que sabem gritar bem alto como o Duce: *avanti!*»

Morreu quando esboçava um artigo para êste jornal.

Imanadas no mesmo ideal, as nossas almas pulsavam ao ritmo do mesmo sonho!

Desculpa-me, esta pública profanação da tua memória querida.

A família do extinto, em especial a seu tio, sr. João Baptista de Sousa, e seus venerandos pais, apresentamos as nossas sentidas condolências.

## Colaboração operária

Publicamos hoje, na página corporativa, dois artigos de lavra operária.

«Camaradas à sindicalização», assinado pela inicial M, pertence a um jovem operário, membro da direcção do Sindicato têxtil, que à causa corporativa dedica toda a sua boa-vontade.

«Organização corporativa», de A. M., delineado com saber e equilíbrio, revela um espírito conhecedor dos princípios corporativos.

Cabe aos próprios trabalhadores a propaganda da doutrina corporativa, pois da sua plena expansão há-de resultar o triunfo da Justiça Social.

Em palavras claras e sinceras, os nossos colaboradores operários vão quebrar a crosta de indiferentismo e de ignorância que ainda envolve muitos trabalhadores.

Avisamos os nossos prezados assinantes, que vamos proceder à cobrança do primeiro trimestre, visto êste jornal, como é do conhecimento público, viver exclusivamente de assinaturas.

# ROMA E MOSCOVO

## FRENTE A FRENTE

A guerra mundial, como uma das suas mais graves e naturais conseqüências na vida da humanidade, balizou fortemente, e demarcou nitidamente os campos, quer na vida social, económica e moral, quer na vida política de muitos Estados, sobretudo da Europa.

Antes de 1914 a História assinalará uma que outra mudança no regime político de algumas nações; mas após os primeiros anos de guerra ela marcará a grande e horrenda transformação de um dos maiores Impérios — o Império da Rússia — e com êle e em grande parte como conseqüência da sua queda um surgir de alterações profundas na constituição política de vários Estados, conservando uns (como a Itália e Portugal) a sua forma de governo — regime, modificando outros (como a Rússia, Alemanha e Espanha) êsse regime, para apenas me referir a Estados europeus.

Foram estudadas, e vão sendo experimentadas novas constituições políticas, novas organizações dos Estados; e todas, sem a menor excepção, enquadrarão em um dos dois campos; todas!

E assim é que, por necessidade imperiosa e superior à vontade dos homens, quem com olhos atentos vê o panorama político que o mundo lhe apresenta nesta hora da História e da vida da humanidade, encontra, apenas, Estados organizados, ou com tendências de organização, para um ou para o outro campo.

De aqui a conveniência de bem se conhecer cada uma dessas ideologias.

Portugal, felizmente, orienta em grande parte a sua organização política para a ideologia com que há mais de oito séculos se constituiu em nação. Mas largo caminho tem ainda a percorrer; e para que possa percorrê-lo, cumpre que todos nós portugueses que apaixonadamente amamos esta Pátria de que foi berço da grei a nossa Guimarães — Terra de Santa Maria de Oliveira — empregemos fortes e denodados esforços.

E' necessário sacudir essa espécie de indiferentismo que por aí campeia, dando aso e ousadia a que os adeptos de Moscovo (que há, mais numerosos do que muitos julgam, em Portugal) sob fórmulas de aparente neutralidade continuem minando o terreno, dando habilmente encobertas, é certo, notícias e referências aqui e além na sua imprensa, e com os quais vão fazendo a sua propaganda.

E' necessário dar a conhecer, repetimos, cada uma dessas ideologias — para que conhecidas bem, não só do povo das cidades e das vilas, mas também das aldeias, se exerça propaganda contra a sua propaganda, acção contra a sua acção.

Com êste intuito poremos frente a frente **Roma e Moscovo.**

Roma — é a voz do espírito, orientadora da nossa civilização latina e cristã; à Igreja Romana deve Portugal, desde a sua fundação, muitas das suas glórias; a glória presente do Padroado, da civilização das nossas colónias — porque Ela foi, é e será sempre se assim a quisermos, a melhor cooperadora do Império.

Moscovo — representa para nós portugueses, a perda da Pátria, da civilização da família, — desta grande família que é Portugal: *o Império Português.*

W.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## A' MARGEM

Quantos, neste nosso tempo, se julgam estupendos revolucionários e não são mais do que pobres fe-tiches!



Se êles pudessem suspeitar que o seu jacobinismo, as suas teses abstratas e ocas não passam de velha metafísica, e que tudo isso está realmente fora da questão.



Se pudessem suspeitar, que o seu jacobinismo está realmente tornado absoleto por toda uma ordem nova de factos e ideas, veriam, com pasmo, que a sua extrema-esquerda é uma extrema-esquerda de pura fantasia!



Eles, jacobinos, é que estão contra a marcha da Nação, contra o progresso da Pátria, e não é fazer-lhes injúria chamar-lhes *reaccionários!*



Foi posta a concurso a edificação de 78 casas económicas.

Sob a égide do Estado Cooperativo, a picareta começará em breve a resgar os alicerces das habitações que o entalhador sr. David dos Santos, em nome dos trabalhadores de Guimarães pediu aos ministros do Governo de Salazar, no 1 de Maio de 1935, dia jamais esquecível.



Deferido o nosso pedido, os operários vimaranenses estarão *cons vosco*, afirmava o sr. David dos Santos, numa voz pausada e expressiva, perante os representantes do Estado Novo.



Estas palavras, repassadas de profunda sinceridade, traduziram uma verdade que a manifestação de 8 de Maio do ano findo, demonstrou à evidência.

Milhares de almas, caldeadas no moirer quotidiano lá foram, transbordantes de alegria, loucas de entusiasmo, transmitir ao Governo, por intermédio do Município, a eterna gratidão do operariado de Guimarães.



Pousam, em bandos, nas colunas do nosso jornal, as birrenias «gralhas».

Como a revisão não está a nosso cargo, dificilmente podemos afugentá-las.

Dêste mal, porém, deriva uma vantagem: fornecê assunto para jornalistas falhos de matéria.

Fartai-vos, senhores!

# DO MUNICIPIO

## PELA CAMARA

Sessão de 30 de Janeiro de 1936

### Requerimentos :

De António Vaz da Costa, casado, industrial, da rua Francisco Agra, desta cidade, para lhe ser passado alvará sanitário de harmonia com a Portaria 6.065, para uma possilga situada no seu quintal. — Organize-se o processo.

— De José Dias da Silva, viúvo, proprietário, do lugar das Pedras, freguesia de Longos, para abrir uma servidão para o campo denominado «Pôrto», sito à margem do caminho que vai da Renda para os lugares de Redondo e Real. — Deferido.

— De D. Luíza da Conceição Cardoso de Macedo Martins de Menezes, solteira, desta cidade, pedindo a anulação da taxa de turismo relativa a 1936, em virtude de ter fechado o estabelecimento de venda de vinhos no lugar dos Barreiros, freguesia da Ponte. — Indeferido por vir fora de prazo.

— De Abílio Mendes, da rua de D. João I, desta cidade, pedindo o fornecimento de água para o prédio de sua habitação. — Deferido.

Foi presente o projecto, orçamento e caderno de encargos para a obra de pedreiro dum grupo de 78 casas económicas a construir em Guimarães. O prazo do concurso termina no dia 10 de Fevereiro, sendo as propostas abertas na secção Norte da Direcção de Construção de Casas Económicas, Rua de Santa Catarina n.º 264 — Pôrto.

## OBRAS QUE ESTÃO NO PLANO DA ACTUAL VEREAÇÃO CAMARÁRIA

### ESTRADAS PARA EMPEDRAR

N.º	Designação	Grande reparação	De novo
1	E. M. n.º 13 — do Regalo ao Pevidém		2:027 <sup>m</sup> ,27
1	E. M. n.º 13 — do Pevidém à E. N. 10-2. <sup>a</sup> (P. PO-93 pela variante)	1:874 <sup>m</sup> ,30	—
2	E. M. n.º 8 — da E. N. 10-2. <sup>a</sup> (Gavim) à Curveã	—	3:607 <sup>m</sup> ,70
3	E. M. n.º 28 — da E. N. 10-2. <sup>a</sup> (Ronfe) à Pontes de Serves	—	2:294 <sup>m</sup> ,40
4	E. M. n.º 15 — da Quinta à Falperra	—	2:333 <sup>m</sup> ,50
5	E. M. n.º 13 — da E. N. 11-2. <sup>a</sup> à Deveza	—	1:152 <sup>m</sup> ,00
6	R. E. M. n.º 17 — do Alto de S. Simão a Figueiredo	—	1:740 <sup>m</sup> ,00
7	E. M. n.º 29 — da Lapinha à Fornalha (corte da Burra)	—	1:581 <sup>m</sup> ,00
8	E. M. n.º 9 — (Parte construída) Rendufe	—	1:100 <sup>m</sup> ,00
9	E. M. n.º 17 — Deveza do Barrado-Ribeira	—	1:580 <sup>m</sup> ,00
	Totais	1:874 <sup>m</sup> ,30	17:417 <sup>m</sup> ,80

### ESTRADAS A CONCLUIR

1	E. M. n.º 9 — Corredoura		267 <sup>m</sup> ,00
2	E. M. n.º 15 — Falperra (Variante)		750 <sup>m</sup> ,00
3	E. M. n.º 5 — Gomeos — Ponte de Pombeiro		4:446 <sup>m</sup> ,00
4	E. M. n.º 29 — Fornalha — Alto de S. Simão	(?)	1:370 <sup>m</sup> ,00
5	R. E. M. n.º 17 — Figueiredo — S. Faustino	(?)	2:200 <sup>m</sup> ,00
6	E. M. n.º 17 — Deveza do Barrado — Ponte de Pombeiro		3:889 <sup>m</sup> ,00
7	E. M. n.º 9 — Rendufe (Igreja)	(?)	1:500 <sup>m</sup> ,00
	Total		14:422 <sup>m</sup> ,00

### ESTRADAS PROJECTADAS

	E. M. n.º 4 — da E. N. 11-2. <sup>a</sup> à E. N. 5-1. <sup>a</sup>		885 <sup>m</sup> ,00
	E. M. n.º 16 — da E. N. 5-1. <sup>a</sup> à Falperra		2:488 <sup>m</sup> ,00
	E. M. n.º 21 — da E. M. n.º 5 à E. M. n.º 17 (Turismo)		5:130 <sup>m</sup> ,00
	E. M. n.º 22 — de Talhoz à E. N. 5-1. <sup>a</sup>		7:383 <sup>m</sup> ,00
	E. M. n.º 23 — da E. M. n.º 29 à E. N. 5-1. <sup>a</sup>		3:454 <sup>m</sup> ,00
	E. M. n.º 32 — da Ponte do Domim à E. N. 11-2. <sup>a</sup>		9:670 <sup>m</sup> ,00
	E. M. n.º 33 — da E. N. 11-2. <sup>a</sup> ao limite do concelho (Fafe)		1:270 <sup>m</sup> ,00
	E. M. n.º 34 — da E. N. 10-2. <sup>a</sup> a Oleiros		3:370 <sup>m</sup> ,00
	E. M. n.º 35 — da E. M. n.º 11 ao limite do concelho (Famalicao)		4:365 <sup>m</sup> ,00
	Total		38:021 <sup>m</sup> ,00

## A Título de esclarecimento

Deliberações camarárias de ontem, que se prendem com assuntos de hoje.

Sessão de 22 de Novembro de 1934

### PROPOSTA

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães, correspondendo a um duplo sentimento de admiração e piedade pelo contingente de soldados sacrificados na Grande Guerra, filhos deste concelho, querendo nêles exaltar o ideal sublimado da Pátria e dar testemunho do nobre civismo da população vimaranense delibera erigir entre nós um monumento condigno à sua memória, ao passo que manifesta o desejo de que esse monumento traduza nas suas linhas de beleza e de grandeza artística um sentido claro, expressivo de amor e paz entre os homens.

Votada esta proposta, foi seguidamente deliberado concorrer com o subsídio de trinta mil escudos para o início da subscrição pública, atenta a circunstância de o Município por si só não poder tomar todo o encargo das despesas do monumento.

Foi aprovada a seguinte proposta:

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal, tomando na melhor consideração as representações da Associação Comercial e da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, querendo corresponder ao solicitado e porque não tem o Município recursos materiais para satisfazer aos justos objectivos das citadas representações — resolve:

1.º — Lançar uma sobretaxa de trinta centavos em cada quilo de carne abatida, dentro ou fora do Matadouro Municipal.

2.º — Fixar o período de dōze meses para duração da cobrança desta sobretaxa.

3.º — Fiscalizar o tabelamento das carnes para venda ao público, por maneira que os preços não venham a sofrer agravamentos injustificados.

Da 1.ª deliberação conclue-se que era desejo da Câmara que se abrisse subscrição pública para a erecção do monumento aos Mortos da Grande Guerra.

Da 2.ª deliberação tomada no mesmo dia depreende-se claramente que o imposto, cuja receita se destinava a ocorrer às despesas a fazer com a realização das Festas da Cidade, a contribuir para o monumento dos Mortos da Grande Guerra e para subvenção à Casa dos Pobres — embora a proposta a isto se não refira, era este um dos seus fins — havia de cobrar-se pelo período de um ano. Como este começou em 15 de Janeiro de 1935 deveria terminar em 15 de Janeiro corrente. Surgiram porém as deliberações seguintes que modificaram o aspecto de questão:

### IMPOSTO SOBRE CARNES

Sessão de 7 de Fevereiro de 1935

A Câmara tendo apreciado dois requerimentos dos representantes dos marchantes do concelho, resolveu aceitar a sugestão que pelos mesmos lhe é feita e lançar sobre as carnes dos mercados deste concelho taxas iguais às cobradas no concelho de Braga, sendo o serviço de matança e condução da carne feito como em Braga.

Sessão de 21 de Fevereiro de 1935

Resolveu para os devidos efeitos, esclarecer a sua deliberação de 7 do corrente relativa ao imposto sobre carnes no sentido de ficar registado na acta que o imposto a pagar à Câmara por cada quilo de carne destinada ao consumo público deste concelho seja de noventa centavos, obrigando-se a Câmara a fazer o serviço de matança e transporte de carnes por sua conta; mais resolveu esclarecer que até esta deliberação ser referendada pelas Juntas de Freguesia deste concelho se conserva em vigor a deliberação tomada em sessão de 22 de Novembro último, relativa ao lançamento da sobretaxa de trinta centavos em cada quilo de carne e suas disposições complementares.

A deliberação de 7 de Fevereiro de 1935, esclarecida pela de 21 de Fevereiro de 1935, significa evidentemente que a receita proveniente do novo imposto das carnes se incorporava na receita geral do Município, sem qualquer destino especial, precisamente como acontecia à data da deliberação de 22 de Novembro de 1934 com o produto da taxa de \$30 sobre cada quilo de carne, visto que esta última foi substituída pela de \$90, em virtude da Câmara tomar a seu cargo o serviço de matança e condução de carnes para os talhos.

Daqui se conclue que, se a Câmara destina no ano corrente 70 contos para as Festas da Cidade, o fez espontaneamente, sem que a isso fôsse obrigada por qualquer deliberação ou compromisso anterior.

# C O R P O R A T I V I S M O

## UMA ENTREVISTA

## Organização Corporativa

Fala o presidente do Sindicato dos operários têxteis

O *Berço da Grei* continua a arquivar nas suas colunas os depoimentos sinceros e desassombrados dos presidentes dos Sindicatos nacionais, que à causa do Estado Corporativo dedicam as suas melhores energias.

Uma das classes que mais necessita de receber os benefícios que o Corporativismo proporciona aos trabalhadores organizados, é sem dúvida, o Sindicato dos operários da indústria têxtil.

Vasta colmeia operária, espalhada através de todo o concelho, vive, na sua maior parte, sem aquele mínimo de condições indispensáveis ao seu bem estar.

E' patético, comovente, o quadro que todos os dias se patenteia à luz do nosso olhar: rostos anémicos, corpos depauperados, que umas chitas mal resguardam do frio, mais em estado de gravidez «a quem os filhos são retirados em condições que a fiscalização pecuária proíbe aos animais».

O momento, porém, não se coaduna com sentimentalismos, nem pieguices: salários mínimos, caixas de previdência, lactários, creches, bairros, eis o programa de acção.

O Sindicato dos operários da indústria têxtil, o primeiro organizado em Guimarães sob a égide do Estado Corporativo, tem a dirigir-lo um grupo de trabalhadores firmemente esperançados em melhorar as condições económicas, morais e sociais dos seus numerosos sócios.

Na longa conversa entabulada com os membros da direcção, no ambiente sóbrio, rude e franco de uma oficina, em que o banco de trabalho era a secretária do jornalista, tivemos ocasião de apreciar os anseios de trabalho fecundo, calmo e activo dos membros do Sindicato.

Da ponderação e espírito de equilíbrio do seu presidente, coadjuvado pela mocidade vibrante e dinâmica do sr. António Magalhães, vogal da direcção, muito há a esperar em prol da vasta colmeia operária que moireja e labuta nas fábricas de Guimarães.

E' digna de registo a assimilação da essência da doutrina corporativa pelos membros da direcção do Sindicato dos operários da indústria têxtil.

«Nós queremos trabalhar num ambiente de concórdia entre patrões e operários» afirma-nos o sr. António Leiras.

O que seria já a organização corporativa em Portugal se a

mentalidade patronal acompanhasse a compreensão da Nova Ordem que os operários revelam?

— Passemos, porém, a reproduzir a conversa entabulada com o sr. António Leiras.

— Até ao presente em que sentido tem o Sindicato orientado a sua actividade?

— Na defesa do cumprimento do horário de trabalho temos agido sem desfalecimento nem desânimo. Muitas vezes, pela calada da noite, com tempo desabrido, enquanto os nossos camaradas repousam, a direcção do Sindicato, ciosa do desempenho da sua missão, percorre as freguesias do concelho, impondo a disciplina do trabalho, o cumprimento das oito horas.

— Essa actuação tem sido útil?

— Em relação ao que se passava, andamos muito. Basta dizer-lhe que na cidade trabalhavam-se 10 horas, e fora da cidade 12 e mais; hoje, exceptuados alguns lugares mais afastados do nosso concelho, o horário cumpre-se.

— Como recebem os industriais a intervenção fiscalizadora do Sindicato?

— Alguns com mágoa o dizemos, ainda não compreenderam a nossa função disciplinadora.

Senhores industriais há, num concelho vizinho, membros da U. N., e por consequência mais obrigação tinham de se integram na ordem corporativa, que ainda não reconheceram o espírito de conciliação que nos orienta em todos os actos da vida sindical.

— Então o Sindicato preocupa-se com outras reivindicações?

— Neste novo ano, quasi todas as atenções vão ser dirigidas para a formação da Caixa de Previdência.

Para isso, a direcção efectuou algumas «demarches» e apressamos registar que alguns industriais receberam com interesse a nossa iniciativa.

Sob a orientação do sr. dr. Henrique Cabral, digno sucessor do jamais inesquecível Miranda da Rocha, vamos organizar a Caixa de Previdência, cujo funcionamento será garantido por intermédio do acôrdo colectivo, que fixará a cotização patronal e operária.

Estou inclinado a crer que no fim do ano hei-de poder afirmar-lhe: «a velhice, invalidez e doença dos operários da minha indústria, estão a resguardo da miséria». O sr. dr. Pedro Teotónio Pereira, novo ministro do comér-

cio e da indústria é uma certeza vitoriosa.

— Os seus camaradas atingiram já as vantagens da organização segundo os princípios do Estatuto Nacional de Trabalho?

— Temos lutado com algumas más vontades, mas isso é consequência da ignorância, e de resíduos políticos, que, infelizmente, ainda não estão extintos. Pode afirmar com todas as letras que a direcção do Sindicato só conhece uma política: a política do trabalho, no plano nacional.

Apesar de tudo, estão inscritos no Sindicato 2 mil sócios.

— Tem a direcção do Sindicato feito alguma propaganda da doutrina corporativa?

— A melhor propaganda será feita pela satisfação das nossas reivindicações.

O prestígio e prosperidade do nosso Sindicato há-de provir da elevação do nível económico e social da nossa vida.

Em breve, vamos inaugurar uma secção do Sindicato em Delães. Seguir-se-á outra em Fafe, e depois em Barcelos.

— Que me diz, quanto a salários?

— E' também um problema cuja resolução se impõe. O salário de 6\$00, que é a medida diária dos operários tecelões, não está de acôrdo com o art. 24.º do Estatuto Nacional de Trabalho, que postula o limite mínimo do ordenado, «correspondente à necessidade de subsistência» para que não desça aliás das exigências de uma vida suficiente.

Além disso, não se justifica a inferioridade de salários das mulheres, pois produzem tanto como nós.

— Na sua classe, autoriza-se a organização de muitos turnos?

— O sr. dr. Henrique Cabral, tem com o aplauso do Sindicato, pôsto entraves à formação de turnos, pois quantos mais turnos, mais desempregados.

Urge também estancar a entrada nas fábricas do povo dos campos.

Se lançamos ao abandono este problema podem advir graves consequências de ordem social para a família têxtil, além do despovoamento da lavoura.

O sr. dr. Henrique Cabral, no intuito elevado de impulsionar a acção corporativa, só permite o funcionamento de turnos, mediante parecer deste sindicato. Aos operários que não estejam inscritos no nosso organismo, é

(Continua na página 6).

Quando em 23 de Setembro de 1933 o Estado Novo promulgou o Estatuto do Trabalho Nacional — em que apareciam as bases da Ordem Nova — e consecutivamente os Decretos criando os Sindicatos Nacionais e Grémios do Comércio e Indústria, verificou-se que alguns operários as receberam friamente, ou até mesmo, com certa hostilidade. E essa frieza e hostilidade em parte justificavam-se.

Os trabalhadores viveram sempre esquecidos dos poderes públicos. As suas associações de classe, quasi sempre nas mãos de meia dúzia de audaciosos, não eram mais do que pequenas agências das internacionais socialistas e comunistas.

E por tudo isto, como era de esperar, não faltaram trabalhadores que obcecados pelo mito da luta de classes, tentasse por todos os meios — mesmo os mais disparatados — fazer obstrução ao que se deve chamar com propriedade — a verdadeira emancipação dos trabalhadores.

Baldados fôram felizmente os seus esforços, e os Sindicatos com relativa rapidez, inauguraram-se aqui e ali, por todo o Portugal.

Provou à saciedade a massa operária portuguesa, que é amante da ordem, que repudia a luta de classes, que não emparceira com os súbditos de Moscou, preferindo na legítima luta de interesses concorrer para a solução pacífica do problema social.

E assim destruiu o operariado português algumas dúvidas que existiam a seu respeito.

Mas, depois de tudo isto, occorre perguntar: se o operariado recoheceu tam depressa na Organização Corporativa a resolução dos problemas do trabalho, porque razão o capital não se organiza? Que fazem as associações comerciais?

A paz social é um facto em Portugal, mas é necessário que o capital reconheça a necessidade de se organizar para assim se preparar a auto-direcção da economia por meio da organização corporativa.

Não podemos fechar os olhos aos problemas que o mundo moderno tem forçosamente de resolver, se não queremos fatalmente cair na barbárie comunista.

O capital, a técnica e a mão de obra têm forçosamente de se organizar para, num espírito de cooperação, resolver duma vez para sempre a temerosa questão social que o liberalismo criou e tentou remediar, servindo-se alternadamente, da Violência e do Médo. — A. M.

# HIGIENE E PUERICULTURA

## A SÍFILIS

A sífilis, profusamente disseminada entre todas as classes sociais, é uma doença contagiosa, de evolução lenta, caprichosa e traiçoeira, transmissível por contágio e por hereditariedade.

E', depois da tuberculose, a enfermidade que maior número de vítimas causa.

O ano passado, numa conferência notável feita no Pôrto a convite da Liga de Profilaxia Social, disse o ilustre professor e distinto sifilógrafo dr. Rocha Brito, que devem existir em Portugal 600.000 sifilíticos e que deve orçar por 25.000 o número de vidas infantis que se perdem anualmente, devido à sífilis dos pais, estando compreendidos nesse número os abortos, partos prematuros, nados-mortos e heredo-sifilíticos até aos 15 anos.

Perante estas cifras alarmantes é preciso pôr de parte, duma vez para sempre, o preconceito das doenças vergonhosas e inconfessáveis e fazer, duma maneira discreta, a educação da mocidade.

Não há doenças vergonhosas. O que é vergonhoso é ser-se portador duma doença que se pode transmitir a uma família inteira e não procurar evitar o contágio por um tratamento convenientemente dirigido que a torne inofensiva.

Esta doença causa feridas repugnantes da pele, úlceras renitentes das mucosas, doenças dos ouvidos que podem acarretar à surdez, dos olhos que podem conduzir à cegueira, dos pulmões, por vezes simulando a tuberculose, dos ossos, do coração, do cérebro, podendo originar a paralisia e a loucura, enfim, de todos os órgãos do nosso organismo com os aspectos mais variados e horrorosos.

Mais grave ainda, sob o ponto de vista social, é a sua influência funesta sobre a descendência dos que não fazem tratamento.

Muitas crianças franzinas e sempre doentes, inválidas, cegas de nascença, surdas-mudas, gargas, raquíticas, idiotas, imbecis, epilepticas, aleijadas, criminosas, degeneradas, etc., são vítimas da sífilis dos seus progenitores.

Cerca de dois terços dos abortos espontâneos e mais de 50% das mortes infantis durante o primeiro ano de existência são imputados à infecção sifilítica sem tratamento ou deficientemente medicada.

A aquisição da sífilis é quasi sempre de natureza sexual.

Pode, no entanto, fazer-se também por outros meios, como por exemplo: com um beijo, com o uso dum copo ou dum talher que tenha servido momentos antes a um contagioso, com um simples apêto de mão dado por êste, bastando para isso que exista na nossa bôca ou mão uma pequena ferida ou arranhadura.

Uma criança, filha de sifilíticos, pode transmitir a doença à ama, assim como uma ama sifilítica pode contagiar a criança que amamenta.

Por isso, nunca se deve permitir a amamentação por uma ama sem primeiro nos certificarmos se ela é ou não sifilítica; pelo mesmo motivo nenhuma ama deve criar uma criança sem que os pais dela lhe provejam que está isenta de sífilis contagiosa.

O alcoolismo, já o dissemos, é uma das causas indirectas de sifilização, visto que durante a embriaguez se perde a noção dos cuidados precisos para a evitar. A frequência de certos clubes e outras casas suspeitas, quando habitados por gente deshonesta, é a maior fonte de contágio.

A sífilis, para a qual temos excelentes armas de combate, sendo convenientemente tratada é inofensiva quasi sempre para quem a tem, para a sua prole e para os que a cercam.

A luta contra a sífilis e outras doenças venéreas, exige da parte dos rapazes os seguintes preceitos: deitar cedo e cedo levantar; trabalhar metódicamente; preencher os intervalos das horas de trabalho e os feriados com exercícios físicos metódicos de modo a produzir cansaço, não excessivo, e conseqüente repouso; frequentar conferências instrutivas, bibliotecas, e espectáculos sãos; casar cedo; evitar a frequência de casas suspeitas e pedir informações e instruções sobre o modo de evitar essas doenças aos médicos.

E' crença popular que a abstinência sexual prejudica a saúde. Não é verdade. A não ser em certos casos patológicos, muito especiais, a castidade é absolutamente inofensiva.

Compete aos professores, médicos escolares e de família e, principalmente, aos pais, fazer ver aos adolescentes os perigos que andam inerentes à satisfação do instinto genésico.

O silêncio dos pais não os torna mais dignos de respeito, mas sim responsáveis pelo que possa suceder aos filhos.

Todo aquele que não conse-

## Uma entrevista

(Continuação da página corporativa)

proibido trabalhar em turnos; daqui resulta, em parte, o aumento de número de sócios, e a amplitude da actividade jurisdiccional do Sindicato.

— Qual é a receita do Sindicato?

— Temos gasto muito dinheiro na fiscalização.

A receita mensal pode ser calculada em 600\$.

A cotização das mulheres é de \$50, por mês; dos homens, 1\$00; sendo a jóia para ambos os sexos de 2\$00.

— Diga-nos, as horas suplementares pagam-se, conforme a lei?

— Geralmente, não.

— Para encerrar a nossa conversa, queira-nos dizer se o Estado Corporativo, sob a clarividência de Salazar, transmitiu à sua classe uma alma nova, crente em melhores dias?

— Tenho fundas esperanças, em obter para a família têxtil, segundo as normas práticas e eficientes do corporativismo, mais neste ano, do que em muitos longos anos passados. Se a caixa de previdência entrar em funcionamento, com a indispensável ajuda patronal, podemos registar uma grande Vitória!

gue evitar o contágio, deve imediatamente recorrer ao médico para iniciar um tratamento bem orientado.

E' um erro grave, em matéria de terapêutica, deixar-se guiar apenas pela sua cabeça, pelos reclames pouco escrupulosos dos jornais ou entregar-se nas mãos de curandeiros, farmacêuticos ou enfermeiros.

A sífilis tem um tratamento variado, adaptável aos diversos casos, à tolerância individual medicamentosa e ao estado de saúde anterior dos seus portadores.

Só o médico é autoridade no assunto para resolver o melhor caminho a seguir.

Toda a pessoa que se sifiliza não deve contrair matrimónio sem terem decorrido, pelo menos, quatro anos após a infecção e um tratamento bem feito, e depois de verificar que desappareceram todas as lesões contagiosas e que a sua reacção serológica é negativa.

Em certos países, para salvaguarda do cônjuge e da descendência, já está decretado o exame médico pre-nupcial obrigatório.

Pená é que em matéria de profilaxia, Portugal caminhe quasi sempre na rectaguarda.

F.

## Camaradas, sindicalizemo-nos!

Tem sido, a classe dos operários da indústria têxtil, a mais desprotegida de todos os tempos.

Quantos camaradas se sacrificaram inutilmente em prol da nossa classe!

Entre os operários vimaranenses, houve sempre heróis nas classes trabalhadoras, heróis obscuros e incompreendidos por aqueles por quem se sacrificaram.

Dessa acção tenaz, ficou o espírito associativo, que neste momento urge alargar e desenvolver.

Admirável oportunidade o Estado Corporativo oferece aos trabalhadores para se congregarem na realização de uma grande obra social. Salários correspondentes às nossas necessidades, subsídios na doença, invalidez, desemprego e velhice, evitar-nos-ão a fome e miséria, que sempre acompanharam as classes laboriosas.

Soou a hora de redirmos erros passados!

O Estado Nacional de Trabalho nos seus postulados de justiça social, indica-nos as bases de uma obra a que nós havemos de dar realidade.

E' necessário que nos compenremos, todos os que se lamentam dos salários relativamente baixos, que não é com palavras que remediaremos os nossos males.

As palavras, dispensámo-las perfeitamente; realizações, eis o que se impõe.

Para isso se conseguir é preciso que todos os que na indústria têxtil vêm auferindo o seu pão, se compenrem da obrigação que têm de auxiliar o seu Sindicato, pois só dentro dêle e segundo as leis que o regem, podemos melhorar a nossa situação.

No Sindicato não entra a política; ou antes, haverá uma única política, sincera e elevada, a política da defesa dos trabalhadores, em obediência ao interesse nacional.

Todas as outras políticas são indiferentes.

A nossa classe tem cerca de 27.000 operários, podemos por conseqüência ser o maior Sindicato de Portugal.

Unamo-nos todos, de espírito integrado no Estado Corporativo, dentro do Sindicato.

Uns não se inscrevem por ignorância; outros com medo aos patrões. Este último motivo não tem razão absolutamente nenhuma de influir no espírito dos operários, pois o Sindicato tem demonstrado que não se criou para terçar armas com aqueles de quem dependemos, mas sim, estabelecer entre os patrões e operários laços de amizade e concórdia.

Alguns elementos da classe patronal olham para nós com uma desconfiança, que nada justifica: nem a nossa acção, nem o espírito do Estado Corporativo, que renega em toda a linha a luta de classes. — M.

# Pro-homenagem a Gil Vicente

**“O Berço da grei” prossegue na publicação dos depoimentos em resposta ao nosso inquérito, subordinado às seguintes interrogações:**

1.º Qual a forma mais condigna de homenagear o génio vicentino?

2.º Guimarães, terra natal de Gil Vicente, segundo as melhores versões, deve imprimir à consagração do comediógrafo quinhentista um carácter local, ou antes, interessar o país numa homenagem nacional?

3.º No momento em que o Governo Português vai glorificar os verdadeiros impulsionadores da História Pátria — D. Afonso Henriques, o Infante D. Henrique, Mousinho de Albuquerque — não será justo incluir a construção em Guimarães de um monumento a Gil Vicente?

Agradece, muito penhorada, as respostas a este questionário, a Direcção de «O Berço da Grei».

Sentindo-me muito honrado pelo questionário que VV. tiveram a generosidade de mandar-me, tento responder duma maneira geral às três perguntas feitas acêrca da comemoração de Gil Vicente no quarto centenário da sua morte. Todas as actividades de Guimarães devem levar o Estado e os seus funcionários competentes para as seguintes homenagens:

- 1) Construção em Guimarães dum monumento capaz de interpretar com arte sugestiva a obra genial de Gil Vicente;
- 2) Publicação em edições baratas de todos os seus trabalhos literários;
- 3) Representação ao ar livre, em *forma de entremez*, de alguns dos seus autos que possam interessar às gentes menos cultas;
- 4) Realização de conferências literárias sobre Gil Vicente para pessoas de cultura média.

Foz do Douro, 12 de Janeiro de 1936.

J. FERRÃO.



*Amigos meus! fraternos meus! então?...*

*— Reformemos em Deus e humanidade  
As escolas, o povo:  
E doutore-se a Pátria em Céu e Império!*

*Esta é a nossa cruz e a nossa palma;  
A nossa empresa é esta...*

*Na verdade,  
Para que viva em credo, o Estado Novo  
Tem de ser um cristão Estado de Alma.*

ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA.

## NÃO DIGA ASSIM... DIGA ANTES...

A terminação — AMOS

Na bôca de pessoas de certa categoria social ficam mal todos os erros de linguagem. Há, porém, alguns que chocam a sensibilidade do mais tolerante. Vamos tratar hoje dum que está nessas condições.

A desinência verbal *amos*, da primeira pessoa do plural, aparece em várias formas do verbo: no presente do indicativo dos verbos de tema em *a*, como *amar, falar*; no presente do conjuntivo dos verbos de tema em *e* e *i*, como *dever, partir*; no pretérito imperfeito e no mais que perfeito do indicativo de todos os verbos. Sirvam de exemplo os casos seguintes: *cantamos, escrevamos, partamos, amávamos, partávamos, falávamos*.

Peios exemplos apresentados é fácil de ver que, no presente do indicativo e do conjuntivo, o acento tónico destas formas incide no *a* da desinência e que nas outras formas o acento recua para a sílaba anterior.

Entre nós acontece, porém, que as formas do conjuntivo são pronunciadas como se fôsem esdrúxulas. É freqüente ouvir-se dizer *estêjamos, façamos, pôssamos*, em vez de *estejamos, façamos, possamos*. É erro que na bôca de certas pessoas, causa arrepios a quem o ouve.

Não digam, então, *estêjamos, pôssamos*, que parece mal, digam antes: *estejamos, possamos*, rimando sempre com *falamos*.

NOTA. — As gralhas não têm tido respeito nenhum por esta secção. Têm-lhe votado o mesmo desdém que ao resto do jornal. Enquanto as não pudermos afugentar definitivamente ver-nos-emos obrigados a denunciar os seus malefícios.

No primeiro destes artigos escrevêramos: *deu ocasião a que aparecessem na imprensa termos geralmente desconhecidos*. As gralhas daninhas deram uma bicada no *m* do verbo fazendo-o desaparecer e destruindo a concordância. O que se publicou foi... *aparecesse na imprensa termos...*

No último número as mesmas aves impertinentes devoraram as palavras que designa o que e desconjuntaram-nos a frase. Nós tínhamos escrito: *... empregada com o verbo haver, que designa o que há ou existe...* e não o que saiu publicado. Tenham paciência os leitores, se alguns temos, que nós não temos remédio senão ir cultivando essa virtude.

J. S.

### Comparticipações concedidas a Guimarães pelo Fundo do desemprego até 30 de Junho de 1934

Pavimentar a Avenida Cândido Reis . . . . .	36.579\$00
" a Rua 31 de Janeiro . . . . .	24.335\$00
Div. Obras na Igreja de N.ª S.ª da Oliveira . . . . .	10.000\$00
Idem, idem no Castelo . . . . .	20.000\$00
Idem, idem na ponte românica das Taipas . . . . .	15.000\$00
Idem, idem na citânia de Briteiros . . . . .	30.000\$00
Construção da casa do guarda da Citânia . . . . .	21.155\$00
Instalação da sala da maternidade e pôsto sifiligráfico e de curativos do Hospital da Santa Casa da Misericórdia . . . . .	9.724\$95
Edifício da Junta Autónoma das Estradas . . . . .	10.187\$68
Retretes e fossa séptica do Liceu . . . . .	13.165\$03
Consolidação de uma das tórreres do Castelo . . . . .	15.000\$00
Restauro do claustro da Oliveira . . . . .	10.000\$00
Obras nas Oficinas de S. José . . . . .	50.000\$00
Total . . . . .	265.146\$66

### Soma das importâncias cobradas para o Fundo do desemprego do ano económico de 1933-1934

Anos	Meses	Soma
1933	Julho . . . . .	50.687\$60
"	Agosto . . . . .	38.626\$32
"	Setembro . . . . .	33.623\$12
"	Outubro . . . . .	37.608\$35
"	Novembro . . . . .	34.519\$70
"	Dezembro . . . . .	33.400\$45
1934	Janeiro . . . . .	47.240\$65
"	Fevereiro . . . . .	31.810\$40
"	Março . . . . .	36.245\$45
"	Abril . . . . .	39.243\$60
"	Maior . . . . .	36.056\$35
"	Junho . . . . .	35.445\$95
	Total . . . . .	454.607\$94

# HOMILIAS DUM LEIGO

"Isto vos mando, que vos ameis uns aos outros"

O reino de Cristo é um reino de amor. O dever fundamental dos súbditos deste reino é amarem o seu rei e amarem-se mutuamente. O amor de Deus e do próximo — a caridade, propriamente dita — é o sinal distintivo do cristão. Quem o não possuir não é verdadeiramente súbdito de Cristo.

Esta doutrina trazem-na bastante esquecida muitos dos que se afirmam cristãos. Para eles este preceito fundamental reduz-se a não prejudicarem o seu semelhante. Mas a ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo é positiva, categórica: que vos ameis uns aos outros.

Isto quer dizer que os cristãos hão-de sentir por todos os seus semelhantes um verdadeiro afecto de irmãos; não se podem limitar a não sentir ódio por ninguém. Quem julgar que satisfaz ao preceito do Divino Mestre apenas com não desejar mal ao próximo engana-se redondamente. A ordem é terminante: que vos ameis uns aos outros.

O Mestre Divino deu-nos, com o seu exemplo, a prova insofismável de que é neste sentido que devem entender-se as suas palavras. Ao receber as maiores afrontas dos seus algozes, orava amorosamente por eles e pedia: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.»

Os mártires, seguindo o exemplo do Mestre, deram também prova de verdadeira caridade, orando pelos seus perseguidores, oferecendo por eles os seus tormentos e conseguindo, assim freqüentes vezes a sua conversão à fé cristã.

Nas vidas dos Santos abundam os factos que revelam o seu grande amor para com o próximo, não somente no que toca à salvação das almas mas também no que respeita às necessidades temporais.

E nem os mártires das épocas de perseguições nem os santos de todos os tempos tinham maior obrigação de amarem o próximo do que os cristãos dos nossos dias.

Poderá dizer-se que é difícil, que repugna muitas vezes à nossa natureza, retribuir ódio com amor, pagar danos com benefícios, responder a injúrias com generosidades e não desejar senão bem aos que nos ofendem e ultrajam. Concordamos.

Mas nem por isso o preceito deixa de ser imperioso. O discípulo de Cristo tem de vencer a natureza, dominá-la, sublimá-la e pô-la inteiramente ao serviço do autor dela. Para isso lhe não faltará o Senhor com a Sua graça, se elle estiver lealmente disposto a cumprir os Seus preceitos.

Não são dignos do nome glorioso de cristão aqueles que, em vez de amor, só reservam ódio e rancor a qualquer dos seus semelhantes e que, ao recitarem diariamente a oração dominical, dizendo: Perdoai-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores, mais não pedem, inconscientemente, do que a própria condenação.

LEIGO.

## João Ferreira das Neves

GUIMARÃIS

Rua de Santo António

Telefone 181

Apresenta para bem servir os seus estimados clientes como sempre os seguintes horários:

Carreira entre GUIMARÃIS e PORTO

Partidas de Guimarães

8 h., 12,30 e 18,15

Partidas do Pôrto

8 h., 10,15 e 17

Carreira GUIMARÃIS — POVOA DE VARZIM

Partida de Guimarães

7,30 h.

Partida da Póvoa

17,30 h.

Carreira GUIMARÃIS — PEVIDEM

Partidas de Guimarães

7,35 h., 12 e 19

Partidas de Pevidem

8 h., 12,30 e 19,30

# EDITAL

António José Pereira de Lima, Administrador do Concelho de Guimarães:

FAZ PÚBLICO que para os devidos efeitos e para cumprimento do art. 8.º do Decreto n.º 8.364, de 25 de Agosto de 1922, a esta secção administrativa da Câmara baixou o edital da Circunscrição Industrial, que é do teor seguinte:

## EDITAL

Augusto Fernandes Engenheiro-chefe da 1.ª Circunscrição Industrial:

FAZ SABER que João Pereira de Magalhães requereu licença para instalar uma fábrica de fiação e tecelagem de algodão e tinturaria incluída na 2.ª classe com os inconvenientes de emanações e fumos nocivos, inquinação das águas, trepidação, barulho, poeira perigo de incêndio e trabalho insalubre, no Lugar da Fábrica, freguesia de Moreira de Cónegos, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte com linha do Caminho de ferro, ao sul com terrenos de João Machado Fonseca e Castro, a nascente com terrenos de Silvério Freitas Lima e a poente com rio Vizela.

Nos termos do regulamento das indústrias insalubres, incomodas, perigosas ou tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo, nesta Circunscrição, com sede no Pôrto, rua de Sá da Bandeira n.º 142, 2.º andar.

Pôrto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial em 21 de Janeiro de 1936.

O Engenheiro-chefe,

Augusto Fernandes.

E' o quanto se contém no referido edital.

Guimarães, Secção Administrativa, aos 23 de Janeiro de 1936. E eu, José Fernandes Ribeiro Gomes, chefe da Secção Administrativa, o escrevi.

O Administrador,

António José Pereira de Lima.

Ministério das Obras Públicas e Comunicações

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

CONSTRUÇÃO DE CASAS ECONÓMICAS

Secção Norte, R. Santa Catarina, 264 — Pôrto

Obra n.º 27 — Bairro de Guimarães

Tarefa para a construção — Obra de pedreiro — de um grupo de 78 casas económicas em Guimarães, sendo: 6 de tipo I, 40 de tipo II e 32 de tipo III

Aceitam-se propostas em carta fechada e lacrada, até ao próximo dia 10 de Fevereiro, pelas 15 horas, na Sede da Secção Norte da Direcção de Construção de Casas Económicas, rua Santa Cata-

rina, 264 — Pôrto — para a execução da tarefa da obra de pedreiro acima designada.

As condições do concurso, caderno de encargos, bem como as restantes peças anexas, podem ser consultados todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Secretaria da Secção acima referida ou na Repartição de Obras da Câmara Municipal de Guimarães.

Pôrto, 25 de Janeiro de 1936.

O Engenheiro Delegado da Construção de Casas Económicas — Secção Norte

Carlos Pereira da Cruz.